

VERISSIMO



SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃES

TERÇA-FEIRA
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTA

QUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMO

SEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATUUM

SÁBADO
LAURA GREENHALGH
MARCELO RUBENS
PAIVA
SÉRGIO AUGUSTO

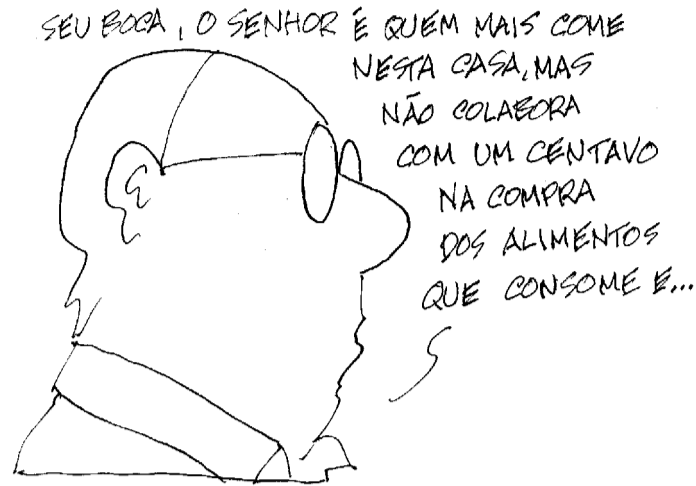
DOMINGO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
HUMBERTO WERNECK
FÁBIO PORCHAT

Uuuuuuuuu...

Vovó, você se lembra da sua primeira vez?
- Primeira vez o que, minha filha?
- Que fez sexo.
- Uuuuuuuuu...
- Faz tanto tempo assim?
- Espera que eu ainda não terminei. Uuuuuuuuu...
- Foi com quem?
- Um cadete. Ele ia ser mandado para o front no dia seguinte e disse que queria levar com ele a lembrança da nossa última noite juntos. Não pude recusar. Dali a duas semanas recebi a notícia de que ele tinha morrido.
- Que front era esse, vovó?
- O front. Da guerra. Não me lembro qual delas. Fiquei chocada com a notícia e me internei num convento, onde fiquei pelo resto da vida.

- Vovó, você viveu num convento?
- Não vivi? Espera um pouquinho. Acho que estou misturando as coisas. Isso foi um romance que eu li. O cabeça.
- Então, quem foi o primeiro?
- O primeiro o quê?
- Com quem você fez sexo, vovó.
- Uuuuuuuuu... Deixa ver. Como era o nome dele... Gilbert qualquer coisa. Gilbert Roland!
- Acho que esse era um ator.
- Não, não, não. Era nosso vizinho. Nos encontrávamos no fundo do quintal, sob a goiabeira. Até hoje não posso sentir cheiro de goiaba que me lembro do Gilbert Roland. Foi o primeiro e o único. Nunca mais amei ninguém.
- Vovó. Você casou com o vovó. Teve cinco filhos com o vovó. Você amava o vovó.
- Tudo fingimento.
- E há quanto tempo você não faz

Família Brasil



PARE DE COMER ENQUANTO EU ESTOU FALANDO!.



sexo?
- Uuuuuuuuuuu...
- Com quem foi a última vez?
- Eu já era viúva. Um dia bateram na porta. Era o Juan Carlos da Espanha. Na época ele ainda era prínci-

pe. Tinha errado de porta, estava procurando não sei quem. Mande entrar e começamos a conversar. Assuntos gerais. Ele pediu para ver o meu quarto... E aconteceu. Nunca mais nos vimos. Mas ele não deixa

de me escrever.
- Vovó, você tem cartas do rei Juan Carlos da Espanha?
- Estão por aí, em algum lugar.
- E são cartas amorosas?
- Uuuuuuuuuuuuu...

Visuais Personalidades

Dois mestres de formação alemã são lembrados em livros e mostras com suas obras

Antonio Gonçalves Filho

A influência da Escola Superior da Forma de Ulm e da Bauhaus no desenvolvimento do design mundial pode ser atestada por meio de exposições e livros que prestam homenagem a dois mestres da área, o brasileiro Alexandre Wollner, ativo, aos 85 anos, e o alemão Jan Tschichold (1902-1974). Wollner, que foi aluno da Escola de Ulm (Hochschule für Gestaltung), criada por Max Bill, comemora 60 anos de carreira com uma exposição de novos trabalhos na Galeria Dan e uma retrospectiva com 120 obras suas no Museu de Arte Aplicada (Museum Angewandte Kunst) de Frankfurt (aberta até fevereiro). Além disso, assina o projeto gráfico do livro *Concretos Paralelos: Construtivismo Britânico, Concretismo e Neocretismo Brasileiro*. Tschichold, que revolucionou a tipografia moderna e conviveu com os mestres da Bauhaus, é lembrado numa luxuosa edição da Edusp (*leia texto abaixo*).

Conhecido pela identidade visual de bancos, indústrias e instituições culturais do Brasil - Itaú, Ultrazag e MAC - Wollner mostra na Dan Galeria a versão digital de trabalhos extraviados numa exposição em Zurique nos anos 1960, composições com formas triangulares que au-



CONSTELAÇÕES E FORMULAÇÃO
Galeria Dan. R. Estados Unidos, 1.638. 2ª a 6ª, 10h/18h; sáb., 10h às 13h. Até 18 de janeiro.

mentam e diminuem de tamanho. São duas séries expostas, *Constelações e Formulação*, que recriam digitalmente obras datadas de 1956 em diante. Não por capricho revisionista. Wollner justifica a retomada como uma maneira de explorar novas possibilidades de sobreposição oferecidas pela impressão digital, "coisa que uma aquarela não daria conta", diz ele. "Não veria nunca a transparência lim-

pa garantida pelo digital". Ao contrário de Tschichold, que abjurou o cânone modernista ao se estabelecer na Inglaterra quando fugiu da Alemanha dominada pelos nazistas, retornando à composição clássica que rejeitava, Wollner, pioneiro no design racional, nunca repudiou sua formação concreta. Até hoje, ela é perceptível em trabalhos como a identidade visual da Editora E Realizações,

para a qual desenhou recentemente também a coleção do filósofo René Girard, um arrebatado exemplo de concisão. "Aprendi a coordenar os elementos desta e outras vidas", sintetiza Wollner. E ele não está falando de vidas passadas, como Shirley MacLaine. Refere-se à relação entre conhecimento analógico e digital, duas vidas em uma em se tratando do artista concreto. "Todo mundo olha, mas não vê", diz, explicando como criou o alfabeto para a identidade visual da marca Eucatex (de forros acústicos e chapas isolantes). Elementos tipográficos traçavam uma correspondência analógica com o aparelho auditivo, obedecendo à espiral do matemático italiano Fibonacci. O resultado é uma le-

tra que lembra uma orelha humana. Simples, direto. E tremendamente sofisticado. Wollner diz que sua passagem pela Escola de Ulm foi fundamental para que essa estética racionalista o acompanhasse ao Brasil quando voltou, em 1958, no auge das discussões entre concretos paulistas e cariocas (os últimos lançariam um ano depois o Manifesto Neocreto). Em 1963, ele criou a primeira instituição dedicada ao ensino do design no País, a Escola Superior de Desenho Industrial - Esdi. O radicalismo da Escola de Ulm era conhecido. Não se ensinava pintura ou escultura. Mavigner, colega de Wollner, pintava escondido. "Ele vedava o buraco da fechadura", lembra. Marcada pelo funcionalismo extremo e pelo rigor disciplinar (lá os alunos aprendiam filosofia, história da cultura, ergonomia e até física

quântica), a escola alemã teve vida curta, mas Wollner se encarregou de manter seus ideais vivos na Esdi.

"Aqui ainda se falava em design gráfico, quando o certo é design visual". E dá um exemplo - analógico: o logotipo da Cinemateca Brasileira, que o então presidente, Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), viu como um símbolo fálico, conta Wollner, rindo. Dois rolos de filme e uma linha horizontal formam a identidade visual daquela que era, na época, a filмотeca do Museu de Arte Moderna. Foi lá que o jovem Alexandre encontrou no mundo da arte. E nunca mais o abandonou.

Um exemplo é o livro que Wollner criou com as obras participativas de duas exposições simultâneas realizadas em 2012, na verdade, o catálogo das mostras da Dan Galeria e Centro Brasileiro Britânico, que relacionavam construtivistas brasileiros e ingleses. Wollner comparece com uma composição de 1950 e duas plottergrafias sobre papel recentes. E o pintor que volta a se manifestar.



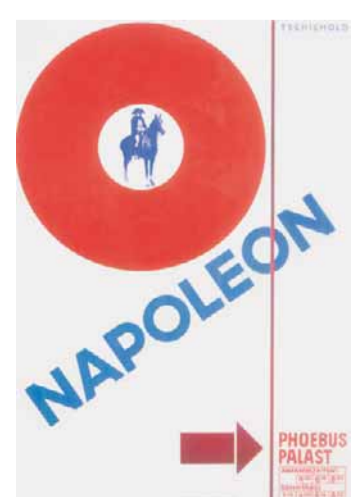
Direto. O artista criou a identidade visual do MAC, da Ultrazag e das sardinhas Coqueiro

NA WEB
Galeria. Veja mais imagens das obras de Wollner em www.estadao.com.br/e/wollner

Livro analisa Tschichold, mestre da tipografia

O ano de 1928 não foi só o começo de uma bela amizade com Kurt Schwitters e Mondrian. Foi uma declaração de princípios, o marco zero da associação do artista gráfico alemão Jan Tschichold com os defensores da nova tipografia. No ano em que nascia no Brasil o designer Alexandre Wollner, Tschichold lançava seu primeiro livro, *Die neue Typographie (A Nova Tipografia)*, obra fundadora do design gráfico moderno. Os 85 anos da edição são lembrados no livro que a Edusp acaba de lançar e leva seu nome, *Jan Tschichold, Mestre da Tipografia: Vida, Obra*

& Legado (350 págs., R\$ 137). As bases sobre as quais foi fundada a nova tipografia podem ser resumidas em duas palavras: clareza e forma. Ao visitar a primeira exposição da Bauhaus em Weimar, em 1923, Tschichold tinha apenas 23 anos. Ficou tão fascinado com o design funcionalista da escola alemã e com o legado do construtivismo russo que, dois anos depois, inspirado em Moholy-Nagy, escreveu e desenhou um suplemento de 24 páginas. Na verdade, era o embrião da tipografia de vanguarda numa Alemanha que já dava sinais de into-



Cartaz. Para filme de Gance

lerância contra os diferentes. Em 1926, professor em Munique, Tschichold criou um alfabeto universal que revolucionou o mundo tipográfico. A alegria do designer durou até a ascensão de Hitler ao poder, em 1933. Tschichold foi preso, acusado de "bolchevismo cultural" por guardar cartazes dos construtivistas russos em seu apartamento. É possível que a concessão da cidadania suíça ao artista, em 1942, tenha alguma influência na revisão dos princípios de sua nova tipografia, que abjurou, incluindo aí o uso exclusivo de caracteres

sem serifa. Em 1947, quando trabalhou para a Penguin Books de Londres, ele estabeleceu normas de composição que refletem uma atitude conservadora, embora não tenha deixado de criar lindas capas de livros e, naturalmente, dado forma final ao pinguim original de Edward Young, marca da editora. O livro da Edusp traz o melhor da produção visual de Tschichold, como os cartazes dos anos 1920 para filmes (como *Napoleão*, de Abel Gance) e exposições dos amigos (Emil Nolde, entre eles). Uma obra essencial para alunos de design. **A.G.F.**



Gênio. Tschichold em 1938



Recriação. Logo da Penguin